

Hoje eu quero ser inteira, unir o que faltava,  
Assumir o que era negado, sentir,  
Agir sem hierarquias,  
Permitir o prazer sem sublimações  
Resgatar a chama abafada pelo poder da  
razão (p. 188).

As mulheres entrevistadas e a própria Selma evidenciaram a necessidade de reacender as chamas e crenças da juventude, estendendo-as para o agora. A unicidade de muitos relatos aponta para a questão primordial, ou seja, o climatério e a menopausa necessitam de uma nova mitologia sobre a passagem, a mulher de meia-idade e o envelhecer. E esta geração de mulheres e demais profissionais possui esse papel transformador, exigindo de médicos e terapeutas o respeito e o direito de serem ouvidas, e essa falta deve ultrapassar a dimensão física do consultório para

que possamos desnudar todo preconceito e vergonha que ainda encobrem esse momento de passagem.

1. A menopausa é uma das fases do climatério, mas o termo menopausa é usado de forma ampla e o uso corrente entre médicos e a população deu-lhes o mesmo significado.
2. A propósito, devo salientar que boa parte das pesquisas desenvolvidas por especialistas da área médica não atingem o grande público, esses textos são encontrados apenas em espaços específicos como a *RBGO* (Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia) ou o *JBG* (Jornal Brasileiro de Ginecologia).
3. SHEEHY, Gail. *A passagem silenciosa: menopausa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995 (primeira publicação americana em 1991).

PATRICIA DE FREITAS ■

## Do cotidiano da escola mista ao ideal de co-educação

La mixité à l'école primaire

---

ZAIDMAN, Claude

---

Paris, L'Harmattan, 1996, 236p.

---

Parte de coleção intitulada Biblioteca do Feminismo, o livro de Claude Zaidman, *La mixité à l'école primaire*, ou numa tradução livre, *A escola primária mista*, é uma publicação de nacionalidade francesa realizada no âmbito do CEDREF (Centro de ensino, documentação e pesquisa de estudos feministas da Universidade Paris 7) e apoiada pela Associação Nacional de Estudos Feministas (ANEF). O livro é resultante de pesquisa<sup>1</sup> que incluiu três escolas de Paris e da Grande Paris, constando de observações e filmagens das relações entre meninos e meninas, professores/as e alunos/as em vários ambientes e atividades escolares, como as atividades em sala de aula e no pátio de recreação ½ momentos

que se opõem, pois o pátio, ao contrário da sala de aula, não é pautado por objetivos pedagógicos e não conta com o direcionamento da professora, como o recreio nas escolas brasileiras.

Mais do que a questão do sucesso ou do fracasso escolar, já tradicional nas abordagens francesas da sociologia da educação, o ponto central do estudo realizado por Zaidman é o sistema de relações que se estabelece na escola, os indivíduos como membros da instituição (e não apenas a avaliação de suas competências e atitudes) e as práticas no interior da escola. Por essa razão, essa pesquisa empírica não tem por objetivo provar que a escola é ou não sexista ou que beneficia mais meninas ou meninos, mas objetiva analisar como a escola é permeada por ideologias relativas às diferenças de sexo; como tais diferenças, sob a forma de representações, conformam a prática profissional; e como a escola constrói um espaço particular de re-significação dos comportamentos sexuais. O essencial para a autora é saber como a 'mistura' de meninas e meninos e vivências em grupos prepara para a vida social.

Assim, Zaidman critica a relação reafirmada de vários modos entre as diferenças de

comportamento entre meninos e meninas e uma diferença biológica dada e fundamental, como um destino que se abate sobre as crianças, usada para explicar e justificar todas as diferenças sociais entre os sexos. Tal crítica é indicativa do modo como a autora considera o 'dado' biológico: ela não parece negar sua existência, mas também não acredita a tal aspecto mais do que um modo, como outros, de justificar as diferenças entre os sexos. Nesse sentido, Zaidman elucida tanto sua percepção acerca das relações entre o biológico e o social quanto sua apropriação do termo gênero ao tomar Erving Goffman (1977) como referencial. Ao citar este autor, ela expressa que direcionou sua pesquisa não para a relação entre as diferenças naturais de sexo e a organização social, mas para a maneira cuja organização social constrói e reafirma essa relação para justificar as diferenças institucionais de sexo através do sistema de relações induzidas, tais como os jogos das crianças, o esporte, que definem "sub-culturas de gênero".

Zaidman aborda a escola como uma das instituições fundamentais da sociedade, tanto por ser um dos símbolos políticos dos valores republicanos franceses — dado o valor da laicidade — quanto por desempenhar funções de aprendizagem e socialização. Contudo, mesmo reconhecendo a importância da educação escolar, no que se refere à construção do que denomina de identidades de sexo, a autora afirma que a escola não é o único elemento que constitui o comportamento sexual, pois, ao entrar na escola, as crianças já estão largamente socializadas segundo seu sexo. O sexo, segundo Zaidman, seria a primeira categorização social. A "atribuição do sexo" se dá desde o nascimento e ao longo da vida e distribui o conjunto da população em uma ou outra das duas categorias (masculino e feminino/homem e mulher). Tal atribuição, designação de sexo, pode ser considerada, segundo a autora, como "o protótipo das classificações sociais", um ato social que funda a existência de dois grupos de sexo, dois grupos sociais hierarquizados. A essa demarcação sexual corresponderia a determinação de comportamentos de convivência e as identificações da criança, deste modo meninos e meninas seriam dotadas de *habitus* (e para utilizar esse conceito Zaidman cita Pierre Bourdieu, em *Choses Dites*, 1987), ou seja, disposições constituídas no meio familiar e na escola maternal que determinariam ampla e profundamente seus modos de fazer, de dizer, e de ver em função de seu sexo. No entanto, a manifestação desse "habitus de gênero", como denomina Zaidman,

forjado na primeira infância, irá se reforçar ou modificar sobre a ação da escola e de seus ensinamentos.

Assim, ainda que a escola não seja a única instância de socialização, a hipótese de Zaidman é de que a maneira que a 'mistura' entre meninos e meninas se impõe na realidade escolar por ela pesquisada, sem reflexão pedagógica, continua a pesar previamente sobre o modo que a escola administra as relações entre os sexos, pois tal 'mistura' não equivale ao ideal de co-educação. Para que este fosse levado a termo, a escola mista teria que ser questionada e analisada sobre a maneira que realiza um determinado modelo de relações entre os sexos. Pode revelar-se estéril a coexistência entre os sexos, sem que seja conduzida uma reflexão pedagógica sobre a co-educação, uma vez que está em vigor um contexto de separação ainda largamente dominante.

Com a pesquisa empreendida, Zaidman concluiu que a escola mista não é necessariamente considerada como ideal por professoras/es e diretores/as na escola, mas como uma situação dada, não merecendo ser objeto de nenhuma atenção educativa particular. A autora também concluiu, através das situações observadas e analisadas, que se, por um lado, não há uma reflexão da 'mistura' entre meninos e meninas, por outro lado, há uma utilização da diferença entre os sexos na escola. E, portanto, ainda que as diferenças sejam apagadas oficialmente na sala de aula, são utilizadas pelas professoras para facilitar a condução da classe no que se refere à disciplina. Um bom exemplo é a organização de meninos e meninas sentados em sala de aula intercaladamente e a consideração das meninas como "auxiliares pedagógicas", devido às características que lhes são atribuídas, como a calma e a dedicação aos estudos. Assim, os professores e professoras apóiam-se sobre os arranjos de gênero socialmente consagrados. No pátio de recreação, lugar de atividades 'livres', é possível assistir uma "segregação espontânea" promovida pelas crianças, aceita por todos e muito bem descrita pela frase de um diretor de escola primária entrevistado por Zaidman: "A mistura de meninos e meninas é como o molho *vinagrete*, assim que se para de misturar, se separa". Assim, os jogos expressam e reforçam as diferenças e separações entre os sexos, mas não significam ausência de relação entre eles. O uso do pátio pelos meninos, de modo agitado, barulhento e prescindindo de amplos espaços para o futebol, assim como o uso do mesmo pátio pelas meninas ao "pularem elástico", de modo contido e passível

de intervenção por parte dos jogos dos meninos, demonstra a construção e perpetuação da exclusão das mulheres dos lugares de poder. Através do jogo, os meninos se preparariam para a dominação e as meninas para a sujeição. Assim, uma das constatações de Zaidman é de que, ainda que não se possa acusar a escola de produzir mais estereótipos que outras instâncias da sociedade, se pode, ao menos, criticá-la por consolidá-los. Isto demonstra que a abertura das instituições para ambos os sexos ou o princípio da igualdade de tratamento não são suficientes para garantir a igualdade entre os sexos.

Zaidman finaliza então os escritos sobre sua pesquisa sinalizando com um ideai acerca da escola mista. Esta, como forma de gestão da diferença sexual, deveria permitir situações diversas, nas quais meninas e meninos pudessem existir como indivíduos sem ser encerrados em uma designação sexual ou, ao contrário, que pudessem pertencer a um gênero e construir sua identidade sexual com respeito à diversidade. Assim, Zaidman nega a defesa de uma posição andrógina, mas postula o intercruzar das categorias classe e gênero, pois as identidades de gênero variam segundo o meio social. A autora assinala a importância de trabalhar os estereótipos tanto de professoras/es quanto de alunas/os, com a finalidade de permitir a todos a aceitação da fluidez na definição das identidades sexuais, o que possibilitaria também trabalhar o clássico problema da sociologia da educação na França: ou seja, o problema do sucesso e do fracasso escolar das classes populares. Nesse sentido, a autora assinala que aprender a viver com as diferenças e trabalhar para o futuro da democracia significa gerir tais diferenças numa perspectiva de igualdade e refletir sobre as relações de meninos e meninas e sobre a escola mista. Pensar a igualdade deste modo, é pensar os aspectos sociais da construção da diferença, não recusando às mulheres e aos homens o direito de viver diferentemente segundo suas escolhas.

Oscilando entre a especificidade do cotidiano da realidade escolar e a abrangência dos fundadores ideais democráticos, a pesquisa de Zaidman soa como contribuição ímpar para os

estudos da temática gênero e educação escolar. Além de imbricar as categorias classe e gênero em sua análise, Zaidman estabelece um quadro das pesquisas feministas anglo-saxãs e um quadro das pesquisas francesas em sociologia da educação, beneficiando-se dos referenciais de ambas e, portanto, embasando-se tanto em conceitos advindos de Pierre Bourdieu e Erving Goffman, quanto em pesquisas análogas à sua, como de Elena Belotti e de Barrie Thorne. Desta forma, a bibliografia por ela citada pode ser considerada como importante indicação de leitura para as estudiosas da área, assim como merecem destaque a metodologia de pesquisa e o olhar que guiará-nas em suas observações e análises.

Chama a atenção o modo como Zaidman relaciona a gênese e as conclusões de sua pesquisa com a ascensão da escola laica e mista como um dos pilares do regime republicano e com a cidadania, pilar da sociedade democrática, pois o que normalmente se observa em pesquisas empíricas como essa são prescrições de âmbito mais didático e pedagógico, nem sempre relacionadas com a esfera político-social mais ampla. Tal característica da pesquisa de Zaidman pode ser apontada tanto como mérito quanto como uma abordagem que ocasiona lacuna, uma vez que a autora não prescreve possibilidades de ação possíveis de aplicação no cotidiano da realidade escolar, como pode ser tão caro em eventuais leituras que demandem soluções mais práticas.

A leitura do livro de Zaidman ilustra a pesquisa do que foi e do que está sendo produzido na França sobre educação e gênero, demonstrando que essa pode ser fértil seara da qual as pesquisas da citada temática podem se beneficiar.

<sup>1</sup> Pesquisa acerca da qual a *Estudos Feministas*, em número especial, de outubro de 1994, sobre o Colóquio França/Brasil/Quebec, deu notícia, sob a forma de conclusões parciais, em artigo de Claude Zaidman, intitulado "A administração escolar do regime misto na escola primária".

DANIELA AUAD ■